

Tasso, Sarney e a estranha política

CIRO GOMES *

O *frisson* da semana foi a polêmica deflagrada ao redor das declarações do governador do Ceará, Tasso Jereissati, acerca da irresponsabilidade e leviandade com que o senador José Sarney teria promovido a iniciativa da CPI do sistema financeiro não com a motivação de dar à sociedade uma merecida satisfação acerca do escabroso escândalo dos Bancos Nacional e Econômico, mas com a clara intenção de criar para o governo um constrangimento e, a partir dele subjugar o executivo federal aos caprichos políticos e apetites fisiológicos notórios em sua prática política historicamente.

Não faltam indícios de que, de fato, tal CPI só está em cogitação em função da manipulação de alguns votos de *cabresto* que o senador pelo Amapá mantém à custa de expedientes inconfessáveis de hoje e de ontem quando ocupou a presidência da República. Já se sabe igualmente de conversas em que o autor de *Marimbondos de fogo* teria anunciado sua intenção de *assustar* o governo com esta iniciativa de araque pois, se há fatos escabrosos no sistema financeiro brasileiro, estes certamente encontram sua expressão mais contundente e grave no Banespa, quando era governador de São Paulo Orestes Quércia e presidente da República justo o sr. Sarney. Certamente por isto a tal CPI já em sua iniciativa insulta a inteligência dos brasileiros e brasileiras quando logo a seguir ao anúncio grandiloquente de sua intenção *moralizadora* confina o objeto da investigação ao período que vem de 1995 para cá. Ora, bolas. Se há podres a investigar, e certamente os há em abundância, isto certamente não vem ocorrendo de 1995 para cá. Isto não é sério.

Esta motivação mistificadora da opinião pública num assunto tão grave e delicado já seria argumento mais que suficiente para justificar o epíteto de leviano usado pelo tradicionalmente moderado e econômico de palavras governador Jereissati.

Mas o pior é que, com a experiência que inegavelmente tem, o senador Sarney está cansado de saber as consequências deletérias para a economia brasileira que um teatro politiquês instalado no contexto de uma CPI dos bancos causaria. O primeiro requerimento seria de algum incendiário interessado em desgastar a autoridade do presidente da República, postulando a convocação de familiares do presidente ligados à família Magalhães Pinto, proprietária do Banco Nacional. O segundo requerimento acenderia o rasilho de pólvora que fabricaria a crise que não se tem no sistema de poupança do país, abalando sua confiabilidade e certamente seria a lista dos bancos que estão no redesconto do Banco Central, em função de momentos transitórios de dificuldades de liquidez, muito normais em qualquer sistema financeiro pelo mundo afora, mas que, neste contexto nervoso e de especulação gerado pela politização do assunto, poderia gerar uma corrida aos bancos de consequências destrutivas para o nosso e para qualquer outro sistema financeiro do mundo.

Sabe muito bem de tudo isto o senador Sarney e, certamente pelos seus laços orgânicos com a plutocracia brasileira e seus sócios nas oligarquias, ele não deseja isto. Como a alguém com um mínimo de vivência na vida pública brasileira sabe, não é muito provável que o senador maranhense eleito pelo Amapá esteja dominado por um impulso moral que nele nunca foi seu forte, o que se pode deduzir, sem medo de cometer nenhuma injustiça, é que o governador Jereissati resumiu numa palavra forte — irresponsável — aquilo que de fato se pode inferir da atitude de quem, ocupando uma posição estratégica na República, aceita expor o país ao risco de uma crise que poderia esterilizar a poupança financeira dos brasileiros, apenas para dar “um susto” no presidente da República. Se quer assustar, do jeito que o presidente Fernando Henrique

tem-se revelado vulnerável, é melhor se esconder atrás de uma porta e gritar “buuu” com aquele bigode dos anos 30.

Ato contínuo à declaração do governador cearense, um cerco de agressivas reações se orquestrou entre políticos *solidários* em que não faltaram a presença de oportunistas da *esquerda* que ao tempo de Sarney presidente requereram uma CPI destas para apurar a corrupção no seu governo, a famosa e inconseqüente CPI da corrupção, como ficou conhecida. Até aí nada de anormal. Este tipo de político age sempre assim, tenta intimidar quem quer que lhes examine com transparência as atitudes, acostumados que estão ao jogo de conveniências por detrás dos bastidores que caracteriza o grande pacto de assalto aos interesses nacionais pelo seu insaciável apetite fisiológico e patrimonialista.

O que me surpreendeu e chocou foi ver o porta-voz da presidência, Sérgio Amaral, vir também, naturalmente cumprindo ordens de seu chefe, para dizer uma grande e deslavada mentira: “O presidente Fernando Henrique Cardoso não concorda com a opinião do governador Jereissati, pois (*sic*) nunca faltou ao presidente ou ao Brasil a colaboração do senador Sarney.”

Até o instante em que escrevo estas linhas deliberadamente não conversei com o governador Tasso Jereissati, mas pelo que o conheço afirmo por minha conta e risco que ele não teria feito estas declarações, se não tivesse antes exposto seu ponto de vista ao presidente Fernando Henrique Cardoso, com quem estava nesta viagem ao Japão, muitas horas dentro do mesmo avião e que é, todo mundo sabe, um dos principais interlocutores do presidente. Estranha política. Puro teatro, abuso da inteligência das pessoas e, certamente, também da inteligência do senador Sarney, que pode ter muitos defeitos, mas não é burro nem um inexperiente em política, como pode supor a presumida e arrogante postura de nosso governo para acreditar que esta iniciativa do governador cearense contrariaria de verdade o sr. presidente.

Temos assim mais uma demonstração do que é a atitude política governamental: uma vergonhosa capitulação ao conchavo imposto pela pressão de *aliados*, uma demonstração inquietante de fraqueza diante de pressões espúrias, uma disposição sem limites para a conciliação com tudo, um temor pouco corajoso para enfrentar qualquer conflito, nem que para isto tenha que desautorizar a voz de um companheiro leal e disponível para todos os enfrentamentos. E depois se queixa de que não é defendido pelo partido ou pelos companheiros de governo. Revoltante. E tudo em nome de construir um clima de harmonia para garantir as reformas de que o Brasil precisa e que não saem do papel justo porque estão encaminhadas sob a ilusão de que os beneficiários das perversões acostadas à ordem institucional brasileira serão algum dia favoráveis à sua remoção. Bobagem.

Esta crise, aliás, existe por causa da inação do governo, de sua falta de austeridade e de critério quando se deparou com a crise dos bancos destruídos pela fraude e pela administração ruínosa. Só existe contexto para a manobra da CPI porque o governo não agiu com a necessária energia para apurar e punir os responsáveis pelas fraudes e, pior, resolveu sancionar tudo com a criação do incrível Proer, fazendo com que o dinheiro público que falta para tudo seja destinado a socorrer bancos particulares e públicos. A sociedade exige que a confiabilidade do sistema de poupança seja garantida. Isto impõe ao governo apurar tudo. Se se omitir é o governo responsável pelos desdobramentos imprevisíveis desta crise.

Se age como agiu com quem falou a verdade, correndo riscos para ajudar a enfrentar as pressões de que se queixa em particular, o presidente está criando para si o pior dos mundos: aquele em que ele passa a ser inconfiável para quem deseja vê-lo liderando as verdadeiras mudanças. E aí seria melhor entregar logo o poder ao Sarney.